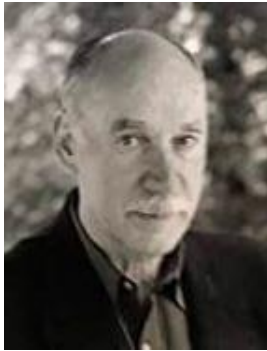


DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



MAXWELL, Kenneth (Wellington, Somersetshire, Inglaterra, 1941)

O historiador Kenneth Maxwell nasceu a 3 de Fevereiro de 1941, na cidade de Wellington no condado de Somersetshire, no sul de Inglaterra. Formou-se em História (B.A. e M.A.), em 1963, pelo St. John's College da Universidade de Cambridge, prosseguindo os estudos na Universidade de Princeton (M.A. e Ph.D.), já nos Estados Unidos da América. Foi professor nas Universidades de Princeton, Columbia, Yale, Kansas e Harvard. Nesta última, integrou o David Rockefeller Center for Latin American Studies (DRCLAS), onde foi responsável pela criação do Programa de Estudos Brasileiros que dirigiu entre 2006 e 2008. Em Nova Iorque, foi director do Programa para a América Latina do Conselho de Relações Exteriores (1989-2004) e fundou e dirigiu o Centro Camões (1988-1999), na Universidade de Columbia. Existe actualmente um prémio com o seu nome, Kenneth Maxwell Senior Theses Prize, atribuído às melhores teses em Estudos Brasileiros pelo DRCLAS.

O interesse pela história sul-americana e, em particular, pela História brasileira surgiu-lhe ainda nos tempos de Cambridge. O Rio de Janeiro foi-lhe apresentado na juventude através do filme Orfeu Negro (1951) de Marcel Camus, que lhe ofereceu uma “visão do paraíso” – recuperando uma expressão de Sérgio Buarque de Holanda – contrastante com a soturna Inglaterra da sua juventude e com a severidade de Cambridge, onde raras vezes se abordava o espaço europeu e muito menos o espaço extra-europeu. Desde então, o Brasil tomou um lugar central nas pesquisas de Maxwell, sendo hoje um eixo fundamental da sua obra.

A sua relação com Portugal está directamente ligada a esse interesse pelo Brasil. Estando a história dos dois países intimamente ligada, seria difícil ou mesmo impossível, compreender a história brasileira sem a correlacionar com a portuguesa. O primeiro contacto de Maxwell com Portugal deu-se ainda na década de 60. Depois de uma temporada em Madrid assistindo a algumas aulas, passou por Lisboa para aprender português e aproximar-se do Brasil. Por essa altura, é-lhe concedida uma reunião com o director da divisão internacional da Fundação Calouste Gulbenkian que lhe propõe uma bolsa de estudos. Esse financiamento permitiu-lhe assegurar a sua estadia em Lisboa, aprender a língua e contactar com a historiografia portuguesa.

A situação política do país não lhe foi indiferente, Portugal vivia então sob o regime ditatorial de Salazar



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

que alimentava uma guerra em África, sustentada em grande medida por uma narrativa historiográfica conservadora e colonialista. As limitações das perspectivas historiográficas europeias sobre a América Latina, levaram-no a prosseguir os seus estudos nos Estados Unidos onde se adoptavam novas linhas de investigação sobre esse espaço e onde se encontravam os seus principais estudiosos. Decide, enfim, candidatar-se a Princeton, onde leccionava o Professor Stanley Stein, que aceitou orientar-lhe o doutoramento. É por via de Stein que conhece pela primeira vez um brasileiro, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, e é de Princeton que parte finalmente à descoberta do Brasil através de um programa multidisciplinar e interuniversitário da Universidade de Columbia.

Kenneth Maxwell dedicou-se ao estudo dos espaços Ibérico e Latino-americano, trabalhou aprofundadamente a história do Brasil e de Portugal, prestando particular atenção às relações Luso-brasileiras. Cronologicamente, ainda que se tenha debruçado sobretudo sobre o período Moderno, e principalmente sobre o século XVIII, estudou também dinâmicas fundamentais do período Contemporâneo.

O Brasil adquiriu, desde a descoberta do primeiro ouro no final do século XVII, um papel central no quadro da monarquia pluricontinental portuguesa. A relevância deste domínio ultramarino aumentou com o desenrolar do século XVIII e, principalmente, através da acção política de Sebastião José de Carvalho e Melo. Esse processo evolutivo culminou na transferência da corte para o Rio de Janeiro em 1808 – precipitada, naturalmente, pela situação política europeia, mas decorrente de um debate estabelecido em torno dessa centralidade que o Brasil vinha conquistando no quadro geral da monarquia – e na consequente declaração da independência em 1822. Esta evolução extraordinária do Brasil orientou Maxwell para o estudo dos processos que a influenciaram e sustentaram.

No livro *Conflicts and conspiracies: Brazil & Portugal 1750-1808* (1973), traduzido para português em 1977 com o título *A Devassa da devassa: a Inconfidência Mineira, Brasil - Portugal, 1750-1808*, e que se tornou, entretanto, um clássico para a discussão da conjuração mineira de 1789, Maxwell constrói um quadro interpretativo que cruza informações de arquivos diversos e que coloca em evidência o papel das elites locais nessa primeira acção organizada contra o poder metropolitano. Para o historiador britânico, na década de 1780 verificava-se na Capitania de Minas Gerais um desenvolvimento económico e social que a destacava do restante panorama brasileiro. Para mais, o exemplo da Revolução Americana (1776) não terá passado despercebido num momento em que as tensões com o governo de Lisboa se agudizavam. A elite mineira via a metrópole como sugadouro de riquezas e como principal responsável pela limitação do crescimento económico. Contudo, Maxwell não deixa de notar a inexistência de uma identidade nacional coesa, que seria, de resto, impossível num Brasil tão diverso e regionalizado como era o de Setecentos.

Entre as linhas temáticas que compõem a obra de Kenneth Maxwell, a figura de Sebastião José de Carvalho e Melo mereceu destaque, surgindo-lhe como incontornável no âmbito das suas investigações. Desenvolveu, ainda em Princeton, os primeiros estudos em torno do secretário de estado de D. José I e dedicou-lhe, mais tarde, uma biografia, *Pombal: A Paradox of the Enlightenment* (1995). O secretário de



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

estado, feito conde de Oeiras e, já no fim da vida, honrado com o título de marquês de Pombal é uma figura fundamental para compreender a segunda metade do século XVIII português. O autor não deixa de realçar, no entanto, o carácter paradoxal do ministro de D. José I. Se, por um lado, o reformismo sistemático, o racionalismo, as ideias de progresso marcaram a sua política, por outro, o despotismo deu forma à sua acção governativa. Para Maxwell, o pragmatismo e capacidade de adaptação foram a chave para o sucesso de Carvalho e Melo e, por sua vez, não ter receado agir “a sua maior virtude”. Assim, num equilíbrio complexo entre os exemplos da política absolutista do século XVII e as ideias iluministas suas contemporâneas, e actuando despoticamente, Pombal levou a cabo reformas que alteraram o sistema económico do reino e do império, adoptando políticas mercantilistas e monopolistas, apostou no ensino como forma de reformar as mentalidades e «[...] tomou medidas que dotaram o Estado português de quatro monopólios fundamentais do Poder: sobre os meios de coerção, sobre o sistema fiscal, sobre a administração e sobre a justiça, que eram sem dúvida os objectivos que o absolutismo iluminado sempre tinha procurado atingir.» (Kenneth Maxwell, *O Marquês de Pombal*, 2001, p. 191.).

No reino foram inúmeras as mudanças implementadas, no período que hoje denominamos de Pombalino. O terramoto de 1 de Novembro de 1755 levava à reconfiguração da cidade de Lisboa, a prontidão e empenho de Sebastião José de Carvalho e Melo na reconstrução valeram-lhe a confiança do monarca e permitiram o fortalecimento da sua posição na máquina do Estado. De certo modo, na nova malha urbana da baixa lisboeta materializou-se o projecto político do então secretário de estado. A capital portuguesa renasceu escrupulosamente ordenada, as ruas dispunham-se ortogonalmente e a construção obedecia a regras bem definidas, sem que as igrejas ou os palácios se destacassem dos demais edifícios. A principal praça de Lisboa deixava de ser “do Paço” para passar a ser “do Comércio”, demonstração clara da relevância dos homens de negócios na visão política de Pombal, no centro da praça, porém, a figura majestosa de D. José I, alinhada com a rua da sua Augusta figura. Se é certo que Pombal se dedicou afincadamente ao desenvolvimento da economia portuguesa, quer pela criação de monopólios comerciais em benefício dos grandes comerciantes e mercadores, quer pelo investimento no ensino e no desenvolvimento técnico, as suas políticas reguladoras e centralizadoras pretenderam sempre fortalecer o poder régio, do qual dependia directamente.

Kenneth Maxwell destaca, na sua obra, a actuação de Carvalho e Melo sobre o espaço brasileiro. Inspirado pelo modelo mercantilista, fundou companhias monopolistas, como são exemplo a Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão e a Companhia Geral de Comércio de Pernambuco e Paraíba, com o objectivo de fortalecer a posição portuguesa no comércio Atlântico. Não deixando também de notar as reformas administrativas que Pombal executa no império, principalmente no Brasil, o autor de *O Marquês de Pombal* assinala a percepção que o secretário de estado demonstra ter da incapacidade de controlar o um território tão vasto como o brasileiro, sem flexibilidade e compromisso com as elites locais. A gestão da América Portuguesa seria tanto mais fácil quanto mais se fomentassem as boas relações dessas elites com os órgãos do governo. Por outras palavras, a flexibilidade perante as resistências era a chave para o alívio



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

das tensões internas e permitia o foco nas ameaças externas. As políticas e reformas pombalinas foram, segundo Maxwell, em grande medida, responsáveis pela manutenção do Brasil no seio do império, num período marcado por conturbações e revoluções atlânticas. No entanto, a estrutura pombalina criaria as condições para que o Brasil conquistasse um papel cimeiro na monarquia pluricontinental portuguesa, de tal modo que no fim do século já se projectava como possível cabeça da dita monarquia.

Maxwell vê a independência de 1822 como consequência de toda a evolução política, económica e social verificada no Brasil ao longo de Setecentos, realçando, porém, a centralidade que a Revolução Francesa (1789-1799) e o subsequente projecto napoleónico (1799-1815) tiveram no processo. As circunstâncias políticas europeias ao determinarem a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, elevando o Brasil à condição de reino e dotando-o de maior autonomia, espoletaram um processo irreversível.

O processo de formação da democracia em Portugal e a subsequente dissolução do império colonial português mereceram, respectivamente, as publicações dos livros *The Making of Portuguese Democracy* (1995) e *O império derrotado: revolução e democracia em Portugal* (2006). Nestas duas obras sobre a história mais recente do país, Maxwell analisa a sua evolução política. Ainda que com o Atlântico pelo meio, a Revolução de 25 de Abril de 1974 mereceu-lhe especial atenção. Maxwell havia contactado nos anos sessenta com um Portugal reprimido pelo regime ditatorial Salazar e envolto numa guerra fratricida pela manutenção de um império em África, pelo que a Revolução dos Cravos e o período ulterior lhe suscitaram muito interesse. Nas obras referidas, Maxwell, com o distanciamento que a sua perspectiva de estrangeiro permite, traça um retrato sóbrio dos processos de democratização e descolonização portugueses. Na sua análise, atribui um carácter simbólico à Revolução de 25 de Abril de 1974, e relewa a sua ligação ao problema colonial, lembrando que o contexto internacional nos anos 1970 se mostrava cada vez mais adverso à insolubilidade da guerra.

Afora as linhas temáticas que vimos seguindo, Kenneth Maxwell dedicou-se também ao estudo da pirataria, da escravatura, dos marginalizados. O contacto entre povos, o comércio enquanto meio de sociabilidade, as relações diplomáticas entre estados antigos e novos são eixos fundamentais da sua obra historiográfica. Alguns dos seus ensaios encontram-se já reunidos em obras como *Naked Tropics: Essays on Empire and Other Rogues* ou *Chocolate, piratas e outros malandros: ensaios tropicais*, e espelham bem uma carreira dedicada ao estudo do espaço ibero-americano.

A par da sua actividade académica, Maxwell foi sempre um homem atento ao seu tempo e à política que o foi marcando. Escreveu entre 1994 e 2006 para a revista *Foreign Affairs*, para a *New York Review of Books*, para o site *Notícias e Opinião*, e para o caderno *Mais* do jornal *Folha de São Paulo*. Crítico de Jair Bolsonaro, Donald Trump e Boris Johnson, tem denunciado os perigos dos populismos do século XXI. Tem alertado também, nos seus artigos, para a mudança das dinâmicas de poder ao nível internacional e para as fragilidades que se podem ampliar a partir delas. Acompanhou a intervenção do Fundo Monetário Internacional em Portugal e as medidas de austeridade do governo de Pedro Passos Coelho, bem como as

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

eleições que em 2015 permitiram a formação de um governo do Partido Socialista sustentado por uma convergência de esquerda. Em 2004 abandonou o cargo de Director de Estudos Latino-Americanos do Conselho de Relações Exteriores de Nova Iorque, marcando uma posição face à polémica em que se envolveu por ter criticado, numa resenha do livro *The Pinochet File: A Declassified Dossier on Atrocity and Accountability* de Peter Kornbluh para a revista *Foreign Affairs*, a actuação norte-americana face ao panorama chileno da década de 1970. William Rogers, associado do Secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger, respondeu à recensão de Maxwell diminuindo o envolvimento dos Estados Unidos da América na ascensão de Pinochet em 1973 e no suporte da Operação Condor. Rogers chegou a afirmar que os textos de Kornbluh e Maxwell apenas serviriam para perpetuar a mitificação da figura de Salvador Allende. O debate que se estabeleceu em torno do assunto levou o historiador britânico a afastar-se da *Foreign Affairs*, por acreditar que a sua refutação da segunda carta de Rogers não foi publicada por pressão de Kissinger sobre o editor James Hoge.

À data em que se escreve, o professor Kenneth Maxwell vive em Inglaterra continuando activo e a participar em conferências, a dar entrevistas e a escrever com alguma regularidade.

Bibliografia activa: *Conflicts and conspiracies: Brazil & Portugal 1750-1808*, Nova Iorque: Cambridge University Press, 1973.; «Ideias Imperiais», (dir.) BETHENCOURT, Francisco & CHAUDHURI, Kirti, *História da Expansão Portuguesa*, vol. 3, Lisboa: Círculo de Leitores, 1998, pp. 410-420.; «Motins». (dir.) BETHENCOURT, Francisco & CHAUDHURI, Kirti, *História da Expansão Portuguesa*, vol. 3, Lisboa: Círculo de Leitores, 1998, pp. 398-409.; *Chocolate, piratas e outros malandros: ensaios tropicais*, São Paulo: Paz e Terra, 1999.; *A Construção da Democracia em Portugal*, Lisboa: Editorial Presença, 1999.; *O Marquês de Pombal*, Lisboa: Editorial Presença, 2001.; *Naked Tropics: Essays on Empire and Other Rogues*, Abingdon: Routledge, 2003.; *O império derrotado: revolução e democracia em Portugal*, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Bibliografia passiva: AMORIM, Tomás, “Kenneth Maxwell at DRCLAS”. *Harvard Review of Latin America* [Em linha], Vol. III, Nº. 1, 2005. [Consult. 12 de Dezembro de 2022]. Disponível em: [Kenneth Maxwell at DRCLAS | ReVista \(harvard.edu\)](https://www.harvard.edu/kenneth-maxwell-at-drclas); HADDAD, Naief, “Imagem do Brasil no exterior não poderia ser pior”. *Folha de São Paulo* [Em linha], 2022. [Consult. 16 de Janeiro de 2023]. Disponível em: [Kenneth Maxwell: 'Imagem do Brasil não poderia ser pior' - 04/09/2022 - Ilustrada - Folha \(uol.com.br\)](https://www.folha.com.br/kenneth-maxwell-imagem-do-brasil-nao-poderia-ser-pior-04/09/2022-illustrada); SHERMAN, Scott, “The Maxwell’s Affair”. *The Nation* [Em linha], 2004. [Consult. 9 de Julho de 2023]. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/archive/maxwell-affair/>; Id., “Kissinger’s Shadow Over the Council on Foreign Relations”. *The Nation* [Em linha], 2004. [Consult. 9 de Julho de 2023]. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/archive/kissingers-shadow-over-council-foreign-relations/>

Afonso da Cunha Viola